

# VERBOS *DICENDI* NA NOTÍCIA: PONTOS DE UM *CONTINUUM* ARGUMENTATIVO NA CONSTRUÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE

VERBOS *DICENDI* EN LA NOTICIA: PUNTOS DE UN *CONTINUUM* ARGUMENTATIVO EN  
LA CONSTRUCCIÓN DE LA INTERTEXTUALIDAD

VERBA *DICENDI* IN THE NEWS: POINTS OF AN ARGUMENTATIVE CONTINUUM IN THE  
CONSTRUCTION OF INTERTEXTUALITY

Alcione Tereza Corbari\*

Quézia Cavalheiro M. Ramos\*\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Este artigo versa sobre a intertextualidade explícita e tem como objetivo investigar como os verbos *dicendi*, responsáveis por introduzir o discurso de outrem, contribuem para construir uma linha argumentativa na notícia. Propõe-se uma análise comparativa de duas notícias a partir do paradigma interpretativo-qualitativo. Toma-se como *corpus* duas notícias que abordam um mesmo acontecimento, publicadas em dois veículos midiáticos. Partindo da base teórica que considera a argumentação como característica inerente ao uso da linguagem, observou-se que os verbos *dicendi* são empregados num *continuum* argumentativo, que vai de uma posição menos marcada para uma posição mais marcada argumentativamente, e retratam estratégias que direcionam a interpretação do leitor a respeito dos fatos noticiados e mesmo a respeito do veículo que publica a notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Intertextualidade. Notícia. Verbos *dicendi*.

RESUMEN: Este artículo versa sobre la intertextualidad explícita y tiene como objetivo investigar cómo los verbos *dicendi*, responsables de introducir el discurso de otro, contribuyen a construir una línea argumentativa en la noticia. Se propone un análisis comparativo de dos noticias a partir del paradigma interpretativo-cualitativo. Se toma como *corpus* dos noticias que abordan un mismo acontecimiento, publicadas en dos vehículos mediáticos. A partir de la base teórica que considera la argumentación como característica inherente al uso del lenguaje, se observó que los verbos *dicendi* se emplean en un *continuum* argumentativo, que va de una posición menos marcada hacia una posición más marcada argumentativamente, y retratan estrategias que orientan la interpretación del lector acerca de los hechos informados e incluso acerca del vehículo que publica la noticia.

PALABRAS CLAVE: Argumentación. Intertextualidad. Noticias. Verbos *dicendi*.

---

\* Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE/campus de Cascavel. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [alcione\\_corbari@hotmail.com](mailto:alcione_corbari@hotmail.com).

\*\* Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Aluna da Especialização em Língua Inglesa, do Núcleo de Educação a distância da UNIOESTE. E-mail: [queziacavalheiro06@hotmail.com](mailto:queziacavalheiro06@hotmail.com).

**ABSTRACT:** This paper aims to investigate how *verba dicendi*, responsible for introducing the discourse of others, contribute to construct an argumentative line in news. A comparative analysis of two news considering an interpretative-qualitative paradigm is proposed. The analysis is based on two news that report the same event, published in two media vehicles. This study considers argumentation is inherent to language. Based on this theoretical interpretation, we observed the *verba dicendi* are used in an argumentative continuum, on a scale that goes from the least marked verb to the most marked in terms of argumentativity. They represent strategies that direct the interpretation of the reader on the reported facts or even on the media vehicle itself.

**KEYWORDS:** Argumentation. Intertextuality. News. *Verba dicendi*.

## 1 INTRODUÇÃO

A intertextualidade *lato sensu* diz respeito a uma condição de existência do próprio discurso, que pode se aproximar do que se denomina interdiscursividade, ou heterogeneidade constitutiva (KOCH, 2013). Considerando essa noção, um texto nunca é caracterizado como inédito, pois aquilo que enunciamos tem origem em enunciados anteriores (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004). Tal característica é inerente aos diversos gêneros textuais que emergem de diferentes esferas sociais. Mesmo um novo gênero textual que nasce de uma demanda de determinado contexto sócio-histórico de interação tem sua origem marcada por relações intertextuais com gêneros, textos e discursos que sustentam seu surgimento. No interior dessas relações mais amplas entre textos e discursos, há também movimentos linguísticos de construção de redes intertextuais em sentido estrito, quando a referência a outros textos é feita de forma explícita, processo discursivo que é foco deste artigo.

Nossa proposta incide em apresentar uma discussão a respeito de língua e argumentação considerando o gênero notícia. Mais especificamente, atentamo-nos a observar como os verbos *dicendi*, responsáveis por introduzir o discurso de outrem, contribuem para construir uma linha argumentativa no texto. Tendo a intertextualidade explícita como uma de suas características constitutivas, a notícia é comumente construída com fragmentos de discursos citados, os quais constituem recorte de entrevistas ou de outras formas de enunciação anteriores, que são trazidos para a tessitura textual pelo produtor do texto a sua maneira ou conformados à intenção das empresas jornalísticas.

Propõe-se a análise de um *corpus* constituído por duas notícias que têm como tema comum o confronto entre a Polícia Militar Ambiental do Paraná e os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, em Quedas do Iguaçu, no sudoeste do Paraná, sucedido em abril de 2016. A pesquisa orienta-se pelo paradigma interpretativo-qualitativo e considera a abordagem comparativa, tendo em conta o interesse em observar como os verbos *dicendi* colaboram para a construção da linha argumentativa nos dois textos que constituem o *corpus*.

Por considerar que a linguagem está dotada de intencionalidade e que se caracteriza pela argumentatividade (KOCH, 2011), partimos do pressuposto de que, embora determinados gêneros textuais, como exemplo a notícia, sejam comumente apresentados como sendo imparciais, incorporar certos expedientes linguísticos ao texto pode provocar efeito persuasivo no leitor e deixar pistas da forma como o produtor se relaciona com o que enuncia (DITTRICH, 2010; MARCUSCHI, 2007; NASCIMENTO, 2009). Em outros termos, partimos do entendimento de que “[...] não há texto neutro, objetivo, imparcial: os índices de subjetividade se introjetam no discurso, permitindo que se capte a sua orientação argumentativa” (KOCH, 2003, p. 65, grifos da autora), e, ainda, que tal subjetividade se faz visível pelos elementos selecionados para compor o texto, que assumem importante papel no processo de construção de sentidos.

Quanto à organização deste texto, primeiramente, apresentamos reflexões teóricas acerca de conceitos basilares que orientam a pesquisa, como linguagem, língua, texto e outros relacionados a estes. Na sequência, abordamos a noção de argumentatividade na língua e a pretensa imparcialidade do jornalismo informativo, focando nossa atenção no gênero notícia. Após essa estruturação teórica, focalizamos a noção de intertextualidade, analisando o papel dos verbos *dicendi* como introdutórios do discurso citado. Em seguida, fazemos algumas considerações sobre o gênero e o contexto de circulação dos textos que constituem o *corpus* de análise, o

qual é apresentado e analisado na seção subsequente. Por fim, apresentamos as considerações finais, propondo reflexões que relacionam a fundamentação teórica e os resultados advindos da análise empreendida.

## 2 LINGUAGEM, LÍNGUA E TEXTO: CONCEITOS BASILARES

Fundamentadas na perspectiva sociointeracionista, compreendemos a linguagem como um conjunto de atividades e uma forma de ação entre sujeitos marcada por questões sociais, históricas, culturais e ideológicas. Tal visão rechaça o entendimento de língua como um sistema autônomo e a interpretação reducionista que a classifica como um mero veículo de informações (MARCUSCHI, 2008). Essa orientação teórica considera que a língua está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, e estas, às estruturas sociais, e retrata uma forma de propalar as condições sócio-históricas e o entorno sociocultural dos sujeitos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004).

A língua, então, é entendida como um instrumento de ação, dotado de intencionalidade, por meio do qual são disseminadas ideologias, o que se realiza com base em elementos linguísticos presentes na superfície textual e em sua forma de organização (KOCH, 2009). Na mesma linha teórica, Marcuschi (2008) descreve a língua como um sistema de práticas com o qual os interlocutores agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, conceito que supera a noção de língua como mero veículo de informação.

Nessa perspectiva, o texto é entendido como uma complexa prática sociocultural, que envolve processos, operações e estratégias que são postos em ação em situações concretas de interação:

[...] o texto é considerado como manifestação verbal, constituída de elementos linguísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como a fundear a própria interação como prática sociocultural (KOCH, 2013, p. 31).

Para Koch (2009), os interlocutores são estrategistas que compõem o “jogo da linguagem” e mobilizam estratégias visando à produção de sentidos. Segundo a autora, desse jogo fazem parte três peças fundamentais: i. o produtor/planejador, que, tendo em mente a intenção que movimenta a interação, busca na língua os recursos de organização textual de maneira a orientar o interlocutor para a construção dos sentidos; ii. o texto, cujo sentido só se complementa no leitor, mas que estabelece os limites quanto às leituras possíveis, tendo em conta as estratégias linguísticas movimentadas pelo produtor; iii. o leitor/ouvinte, que, com base nas sinalizações que o texto oferece e mobilizando o contexto que sustenta sua interpretação, procede à construção de sentidos.

Essas três peças são movimentadas por um projeto de dizer em conformidade com práticas socioculturais e linguísticas vivenciadas pelos interlocutores, guiadas por um projeto de dizer. Movido por intenções, “[...] o produtor escolhe o que dizer e a forma de fazê-lo para alcançar seus objetivos, estabelecendo o papel que toma na interação e, ao mesmo tempo, o papel que atribui a seu interlocutor” (CORBARI, 2013, p. 13).

O texto apresenta-se, então, como o resultado de uma complexa atividade verbal em que indivíduos socialmente atuantes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza (KOCH, 2013). Nesse sentido, a fim de permitir a apreensão de conteúdos semânticos e garantir a interação de acordo com as práticas socioculturais compartilhadas e com as intenções em jogo, o produtor seleciona e ordena os elementos linguísticos (KOCH, 2013).

Analisado a partir dessa perspectiva teórica, o texto, qualquer que seja o gênero em que se materializa, é tomado como uma prática social dotada de intencionalidade, a qual pode ser depreendida pelas escolhas linguísticas expressas na superfície textual. A discussão em torno da argumentatividade intrínseca ao uso da língua e o debate sobre a imparcialidade da notícia, categorizada como gênero representativo do jornalismo informativo, são tópicos da próxima seção.

### 3 NEUTRALIDADE: UM CONSTRUCTO DISCURSIVO EM REVISÃO

Tomar a língua como uma atividade sociointerativa, que envolve intenções dadas em determinados contextos sociais, significa assumir a linguagem como uma “[...] forma de ação, *ação sobre o mundo dotada de intencionalidade*, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2011, p. 15, grifo da autora). Essa interpretação está embasada na teoria ducrotiana, que considera que a argumentação é característica intrínseca à língua, nesta inscrita (DUCROT, 1987; ASCOMBRE; DUCROT, 1976), embora a orientação argumentativa (ASCOMBRE; DUCROT, 1976) possa estar mais ou menos explicitada no texto, a depender dos objetivos envolvidos em sua produção.

Nessa linha teórica, a argumentação é concebida como parte constitutiva da língua:

[...] o *ato de argumentar*, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a *todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia*, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (KOCH, 2011, p. 17, grifos da autora).

Koch (2011) observa que é por intermédio daquilo que enunciamos que, de alguma forma, objetivamos influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que o nosso interlocutor compartilhe de algumas de nossas opiniões. As intenções envolvidas na produção do texto podem ser identificadas tendo por base o contexto interativo envolvido e as marcas linguísticas, e alguns recursos da língua ganham destaque na estratégia de orientar o interlocutor em direção a certo tipo de conclusão em detrimentos de outras (ASCOMBRE; DUCROT, 1976).

As nuances argumentativas reveladas na superfície textual evidenciam o posicionamento do produtor e o seu engajamento ou afastamento com o que enuncia, reafirmando a presença da subjetividade na construção do discurso (PAULIUKONIS, 2003). Nessa perspectiva, considera-se que o produtor incorpora ao texto uma série de escolhas, principalmente no que tange ao léxico e às estruturas linguísticas, com a pretensão de, por meio da composição textual, compartilhar e validar suas percepções em relação aos fatos do mundo.

A explicitação das intenções envolvidas na interação pode se dar de forma mais ou menos evidente, considerando, entre outras questões, se o gênero escolhido para sustentar a interação enquadra-se ou não na categoria dos textos tradicionalmente denominados como argumentativos, que envolvem o conceito de argumentação *stricto sensu* (KOCH; FÁVERO, 1987). Textos que se distanciam desse perfil, como grande parte daqueles produzidos na esfera científica e aqueles enquadrados no jornalismo informativo, são recorrentemente apresentados como textos imparciais, interpretação que não encontra amparo na perspectiva teórica que embasa esta pesquisa.

Conforme Koch (2003, p. 65, grifos da autora), essa pretensa neutralidade é, em si, uma escolha marcada por intenções:

A pretensa neutralidade de alguns discursos (o científico, o didático, entre outros) é apenas uma máscara, uma forma de *representação* (teatral): o locutor se representa no texto “como se fosse neutro”, “como se” não tivesse engajado, comprometido, “como se” não estivesse tentando orientar o outro para determinadas conclusões, no sentido de obter dele determinados comportamentos e reações.

Na esfera jornalística, o paradigma que divide o jornalismo em ‘opinião’ e ‘informação’ remonta ao início do século XVII, quando Samuel Buckley, diretor do jornal inglês *The Daily Courant*, introduziu no jornalismo o conceito da objetividade, tornando-se o primeiro jornalista a preocupar-se com o relato preciso dos fatos, tratando as notícias como notícias, sem comentários (CHAPARRO, 1998).

Melo (1985, 1985, p.32, grifos do autor) observa que “[...] historicamente a diferenciação entre as categorias *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo* emerge da necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (news/stories) das suas versões (comments), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas”.

O autor explica que essa categorização articula-se em função da seguinte diferença: os gêneros informativos são construídos com o objetivo de divulgar informações, a fim de que o interlocutor saiba o que se passa; os gêneros opinativos desempenham, por sua vez, a função de opinar, isto é, de comentar as informações divulgadas, com o propósito de que o leitor saiba o que se pensa sobre o que se passa (MELO, 2003).

Nascimento (2009) observa que a pretensa objetividade ou imparcialidade jornalística retrata uma estratégia textual tendo em conta dois objetivos centrais: isentar o produtor/veículo de comunicação da responsabilidade pelo dito e angariar a aceitação da notícia pelo público leitor.

Para Chaparro (2003), não é possível criar no jornalismo espaços exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação. Segundo o autor, tal impossibilidade estaria ligada tanto à dimensão do conhecimento quanto ao plano dos mecanismos da linguagem, o que podemos exemplificar com as escolhas do produtor do texto em relação aos verbos *dicendi* usados para introduzir a fala de outrem na notícia. Na próxima seção, passamos a focalizar esse aspecto linguístico. Antes, porém, discorreremos acerca da intertextualidade e do discurso citado.

#### 4 VERBOS *DICENDI*: A INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA NO DISCURSO CITADO

Antes de aprofundarmos a noção de intertextualidade, cabe fazer um apanhado geral sobre a relação entre intertextualidade e polifonia. Segundo Koch (2013), embora esses dois conceitos estejam relacionados, não há uma coincidência total entre eles. A autora aponta que

[...] o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade, isto é, todo caso de intertextualidade é um caso de polifonia, não sendo, porém, verdadeira a recíproca: há casos de polifonia que não podem ser vistos como manifestações de intertextualidade. [...] Do ponto de vista da construção dos sentidos, todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana, como bem mostrou Bakhtin (1929), como essencialmente dialógico e, portanto, polifônico (KOCH, 2013, p. 57).

Como entende a autora, entre intertextualidade e polifonia existe uma relação de inclusão, em que a polifonia engloba todos os casos de intertextualidade. Ademais, tanto um conceito como o outro estão intimamente relacionados com a “[...] argumentatividade inerente aos jogos de linguagem” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 83). Considerando que o conceito de polifonia apresenta-se um tanto quanto movediço, a depender da orientação teórica a partir da qual é explicado, e que as teorias consultadas amparam o entendimento de que expedientes linguísticos como os verbos *dicendi* marcam a intertextualidade explícita, optamos por nos guiar, neste trabalho, pela noção de intertextualidade, focalizando seu sentido restrito.

Koch (2013) observa que, *lato sensu*, a intertextualidade configura uma condição de existência do próprio discurso, que pode se aproximar do que se denomina interdiscursividade, ou heterogeneidade constitutiva. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) explicam

que a relação entre um texto e outro(s) não ocorre somente entre enunciados isolados, mas entre modelos abstratos de produção de textos/discursos. As autoras abordam, ainda, as estratégias de manipulação de intertextualidade genérica e tipológica. Ao discorrer sobre intertextualidade intergenérica, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) pontuam que a existência de gêneros do discurso é determinada pelas práticas sociais de que participamos. A intertextualidade tipológica, por sua vez, decorre do fato de se poder depreender, entre determinadas sequências ou tipos textuais – narrativas, descritivas, expositivas etc. –, um conjunto de características comuns, em termos de estruturação, seleção lexical, uso de tempos verbais, advérbios e outros elementos dêiticos.

A intertextualidade explícita, por sua vez, ocorre quando no próprio texto se faz menção à fonte do intertexto e, ainda, quando um texto é citado e atribuído a outro enunciador, isto é, “[...] quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados [...]” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 28). É esse tipo de intertextualidade que interessa ao estudo aqui proposto, uma vez que focalizamos uma estratégia linguística que remete à operação do discurso citado.

Tal operação, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), retrata o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. Seguindo essa perspectiva, Maingueneau (2001) também entende que o discurso relatado<sup>1</sup> constitui uma enunciação sobre outra enunciação, contexto em que são postos em relação “[...] dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante” (MAINGUENEAU, 2001, p. 139).

Os discursos citados são incorporados a diferentes gêneros textuais, como é o caso da notícia. Maingueneau (1996) explica que esses discursos, para assim serem entendidos, devem ser introduzidos de maneira que se reconheça um descompasso entre discurso citante e fragmento citado. Um dos recursos para sinalizar o discurso citado e incorporá-lo ao texto é a utilização dos verbos *dicendi*, introdutores do discurso direto e indireto.

Para Maingueneau (1996), o discurso relatado no estilo indireto é mais limitativo, porque exige um verbo *dicendi* regendo uma subordinada objetiva. À vista disso, considera-se uma dupla função para tal verbo sinalizador de uma subordinada: “Indica que há uma enunciação e, como tal, contém de algum modo um verbo “dizer”; especifica semanticamente essa enunciação em diferentes registros. *Responder*, por exemplo, situa relativamente a uma fala anterior, enquanto *murmurar* dá uma informação sobre o nível sonoro” (MAINGUENEAU, 1996, p. 112, grifos do autor).

Travaglia (2007, p. 164) observa que a presença desse tipo de verbo no texto pode

a) introduzir falas, permitindo que se descrevam entonações, tons, altura de voz etc., da fala, que não podem ser reproduzidos na língua escrita (sussurrar; sibilar; gritar; pedir num gemido; chamar desesperado, feliz, ansioso, calmamente etc.); b) dizer o tipo de fala que se produz (perguntar, responder, redargüir etc.); c) instituir perspectivas em que se deve tomar a fala (segredar, instilar, acalmar etc.).

Neves (2000) apresenta os verbos de elocução divididos em dois grandes grupos: os verbos de dizer (ou verbos *dicendi*, que são verbos de elocução propriamente ditos) e os verbos que não necessariamente indicam atos de fala. Pertencem, ao primeiro grupo, os verbos

*FALAR* e *DIZER*, básicos, porque neutros, e uma série de outros verbos cujo significado traz, somando ao dizer básico, informações sobre o modo de realização do enunciado (*GRITAR*, *BERRAR*, *EXCLAMAR*, *SUSSURRAR*, *COCHICHAR*, etc.), à qual podem acrescer-se ainda noções sobre a cronologia discursiva (*RETRUCAR*, *REPETIR*, *COMPLETAR*, *EMENDAR*, *ARREMATAR*, *TORNAR*, etc.) (NEVES, 2000, p. 48, grifos da autora).

O segundo grupo é constituído por verbos que introduzem o discurso, mas não obrigatoriamente indicam atos de fala e se subdivide em dois subgrupos: os verbos que instrumentalizam o que se diz e os que circunstanciam o que se diz. Neves (2000) explica que

<sup>1</sup> Os termos ‘discurso citado’ e ‘discurso relatado’ são tomados indistintamente por Maingueneau (2001) e Koch (2013), assim como se faz neste trabalho.

verbos como *acalmar*, *ameaçar*, *consolar*, *desiludir*, *garantir* demarcam ações realizadas com o uso de um instrumento (por tal razão “instrumentalizam o dizer”), podendo consistir, eventualmente, em um dizer. Por outra parte, verbos como *rir*, *chorar*, *espantar-se*, *suspirar* etc. expressam uma ação que pode se realizar simultaneamente ao dizer, indicando circunstâncias que caracterizam o ato de fala (NEVES, 2000). A autora destaca, ainda, que

Entre os verbos de dizer há muitos que apresentam lexicalizado o modo que caracteriza esse dizer. São verbos como *QUEIXAR-SE*, *COMENTAR*, *CONFIDENCIAR*, *OBSERVAR*, *PROTESTAR*, *EXPLICAR*, *AVISAR*, *INFORMAR*, *RESPONDER*, *SUGERIR*, etc., que podem ser parafraseados por *dizer uma queixa*, *dizer um comentário*, *dizer uma confidência*, *dizer uma observação*, *dizer um protesto*, *dizer uma explicação*, *dizer um aviso*, *dizer uma informação*, *dizer uma resposta*, *dizer uma sugestão*, e assim por diante (NEVES, 2000, p. 48-49, grifos da autora).

Tratando de verbos *dicendi* introdutórios de discurso indireto, Maingueneau (1996) distingue em duas classes as informações veiculadas por tais expedientes linguísticos: “[...] de um lado, aquelas que têm valor descritivo (*repetir*, *anunciar*, etc.) e, de outro, as que implicam um julgamento de valor do enunciador quanto ao caráter bom/mau ou verdadeiro/falso do enunciado citado (*reprovar*, *ousar*, *afirmar*, etc.)” (MAINGUENEAU, 1996, p. 112, grifos do autor).

A utilização dos verbos *dicendi* é, de acordo com Nascimento (2009), um recurso bastante significativo no que tange à construção argumentativa do texto. O autor observa que a seleção de tais verbos e o modo como estão organizados no interior do enunciado podem indicar a forma como o produtor se manifesta frente aos outros discursos e como os interpreta: “[...] as estruturas linguísticas e discursivas significam, e os usuários da língua têm consciência disso, uma vez que realizam escolhas de acordo com suas intenções” (NASCIMENTO, 2009, p. 104).

A fim de compreender o funcionamento dos verbos *dicendi* na notícia jornalística, Nascimento (2009) os classifica em não modalizadores e modalizadores. Os verbos não modalizadores são, segundo o autor, aqueles que, por natureza, apresentam o discurso de outrem sem deixar marcas ou avaliação daquele que o apresenta. Os verbos *dizer*, *falar*, *perguntar*, *responder* e *concluir* são exemplos do primeiro grupo. Os verbos denominados modalizadores, por sua vez, são aqueles que, além de apresentar o discurso de outrem, assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso por parte daquele que o apresenta, como são exemplos os verbos *acusar*, *afirmar*, *protestar* e *declarar*. O autor acrescenta, ainda, que os verbos *dicendi* modalizadores podem ser tanto epistêmicos como avaliativos, e aponta que, tendo natureza epistêmica, tais verbos veiculam um grau de certeza sobre o discurso de outrem, por parte do produtor. Os verbos *dicendi* modalizadores avaliativos, por sua vez, emitem um juízo de valor a respeito do discurso de outrem, indicando como este deve ser lido.

Na perspectiva de Nascimento (2009), o emprego do discurso direto, com aspas, pode, muitas vezes, reproduzir o discurso de outros locutores, poupando de responsabilidade o enunciador e gerando uma imagem de distanciamento. O autor avalia, ainda, que alguns verbos, como *dizer* e *completar*, podem assinalar o não comprometimento do produtor da notícia com o que foi dito no discurso relatado, isentando-o de responsabilidade. Tais estratégias são, na análise do autor, recursos utilizados pretensiosamente pelo produtor do texto para tentar manter o caráter informativo e a pretensa objetividade atribuídos à notícia.

Tendo já demarcado o amparo teórico desta pesquisa, passamos, na próxima seção, às considerações em torno do *corpus* da pesquisa para, depois, apresentar sua análise.

## 5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO E O CONTEXTO DE CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS SOB ANÁLISE

Cabe-nos tecer algumas considerações sobre as especificidades da esfera em que se realiza o gênero textual notícia, posto que este constitui *corpus* deste estudo. Como aponta Marcuschi (2005), os gêneros textuais operam em “[...] certos contextos, como formas

de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual” (MARCUSCHI, 2005, p. 10).

A esfera jornalística, como um campo que abarca gêneros textuais disseminadores de informações e opiniões, assume papel importante na construção de uma imagem do mundo. Seu objeto está constituído no horizonte de diferentes acontecimentos, fatos, conhecimentos e opiniões da atualidade, fundamentados no interesse público (RODRIGUES, 2001).

Entre os gêneros textuais recorrentes nessa esfera está a notícia, definida por Melo (1985) como “[...] o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social [...]” (MELO, 1985, p. 49). Em consonância a tal definição, Lage (1982) explica que a notícia é o relato de uma série de fatos originados de um fato mais importante. De acordo com as definições de Rabaça e Barbosa (1987), a notícia é o conteúdo do relato jornalístico. É, ainda,

O assunto focalizado jornalisticamente e divulgado pelos veículos informativos para atingir o público em geral. Neste sentido, diz-se que tal fato é *notícia* ou que tal pessoa é *notícia* quando o público tem interesse em receber informações sobre esse fato ou essa pessoa, *pelos meios de comunicação de massa* (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 418, grifos dos autores).

Nas investigações realizadas para esta pesquisa, utilizamos como *corpus* notícias publicadas na edição *online* do jornal *Gazeta do Povo* e na página *web* do *PT no Senado*. Antes de proceder à análise, entendemos ser pertinente abordar algumas questões em torno do perfil desses dois veículos de comunicação.

O jornal *Gazeta do Povo* é parte integrante do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM). Gaiotto (2006), ancorado nos estudos do Instituto de Pesquisas Marplan/EGM (2004), assinala que a *Gazeta do Povo* alcançou uma credibilidade que fez com que o periódico liderasse as vendas no estado do Paraná, posicionando-se entre os grandes jornais em circulação no país. Oliveira Filha (2004) observa que “[...] a *Gazeta do Povo* consolidou sua participação no mercado editorial de Curitiba, desenvolvendo um jornalismo com características notadamente locais e de prestação de serviços” (OLIVEIRA FILHA, 2004, p. 90).

O jornal defende seguir uma linha de independência e imparcialidade e se projeta como um veículo conhecido por realizar publicações em defesa dos interesses do Paraná (OLIVEIRA FILHA, 2004, p. 90). Contudo, Lemos e Oliveira Filha (2013) argumentam que o jornal seria mais adequadamente chamado de *Gazeta da Elite*, por “[...] revelar a relação de compadrio que sempre existiu entre os donos do jornal e a camada mais privilegiada da sociedade curitibana [...]” (LEMO; OLIVEIRA FILHA, 2013).

A página *web* do *PT no Senado*, conforme o próprio nome deixa entrever, é organizada e mantida pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Trata-se de um espaço de publicações de textos cujos temas, em geral, têm como motivo acontecimentos nacionais, em especial aqueles que apresentam relação com a política brasileira. As publicações predominantes são notícias e artigos, gêneros textuais que, em geral, são descritos pela esfera jornalística como tendo o objetivo de relatar um acontecimento com objetividade (NASCIMENTO, 2009).

O Partido dos Trabalhadores (PT), o mais expoente partido de esquerda do Brasil, tem como um dos discursos fundamentais a promoção de mudanças em prol dos trabalhadores da cidade e do campo, apoiando organizações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).



As considerações postas nesta seção permitem observar que os veículos de comunicação que constituem fontes de coleta do *corpus* desta pesquisa apresentam posicionamentos ideológicos distintos. Ademais, observa-se que, enquanto a página *web* do *PT no Senado*<sup>2</sup> publica textos com uma orientação ideológica bastante demarcada, o jornal *Gazeta do Povo* prefere reforçar o discurso da imparcialidade. Tomando por base as reflexões de Lage (1982), podemos dizer que os dois veículos de comunicação, independente de sua forma e organização, estabelecem vínculos com grandes forças econômicas e sociais, configurando-se como centros de difusão ideológica, organizados segundo a estrutura de poder.

## 6 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS: A FUNÇÃO ARGUMENTATIVA DOS VERBOS *DICENDI*

Antes de proceder à análise, apresentamos as duas notícias que integram o *corpus* da pesquisa, que foram digitadas para facilitar a referência às linhas do texto. Os verbos que são objeto de estudo estão destacados com negrito.

Quadro 1: Notícia 1, publicada no jornal *Gazeta do Povo*<sup>3</sup>

|    |  |
|----|--|
| 1  | <b>Confronto entre MST e policiais em Quedas do Iguaçu deixa dois mortos</b>   |
| 2  |  |
| 3  | Dois trabalhadores sem-terra morreram e ao menos seis ficaram feridos após entrarem em   |
| 4  | confronto com a Polícia Militar, na tarde desta quinta-feira (7), na cidade de Quedas do Iguaçu,   |
| 5  | região Oeste do Paraná.  |
| 6  | Os dois lados têm versões diferentes para o conflito. Em nota, a Secretaria de Estado da   |
| 7  | Segurança Pública (Sesp) <b>afirmou</b> que os policiais foram vítima de uma emboscada e que eles  |
| 8  | foram ao local para tentar ajudar a combater um incêndio. O MST <b>nega</b> e <b>diz</b> que a polícia foi ao  |
| 9  | assentamento para tentar retirar o grupo, que ocupa, desde julho de 2014, as terras da Araupel,  |
| 10 | empresa de reflorestamento. Um líder do MST <b>disse</b> que os membros do movimento é que foram   |
| 11 | as “vítimas de emboscada”.   |
| 12 | Após a troca de tiros, o MST fugiu, segundo a polícia, que <b>diz</b> ter apreendido uma pistola e   |
| 13 | uma espingarda. A Polícia Civil já abriu um inquérito para apurar os fatos e <b>disse</b> que enviou   |
| 14 | equipes para o local para resgatar as vítimas – inclusive um helicóptero para remover os feridos.  |
| 15 | “Além disso, foram destacados policiais militares e civis para a região com o objetivo de reforçar a   |
| 16 | segurança – uma vez que há uma briga judicial envolvendo o MST e a empresa Araupel”, <b>diz</b> a  |
| 17 | nota.  |
| 18 | Os sem-terra <b>afirmam</b> que mais de 20 pessoas ficaram feridas. Também por meio de nota, eles  |
| 19 | <b>dizem</b> que foram surpreendidos por um grupo de jagunços, seguranças da empresa Araupel e   |
| 20 | também da Polícia Militar.   |
| 21 | O MST <b>argumenta</b> que o local pertence ao Estado. A Justiça Federal, de fato, declarou nulo o   |
| 22 | título de propriedade da empresa, em maio do ano passado.  |
|    | Da Redação, com Luiz Carlos da Cruz, especial para a Gazeta do Povo, Katia Brembatti e   |
|    | Folhapress, 07/04/2016, 17h23min   |
|    | Disponível em: < <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/confronto-entre-mst-e-policiais-em-quedas-do-iguacu-deixa-dois-mortos-3100lw98u6y2g03gj81w6xf2s">http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/confronto-entre-mst-e-policiais-em-quedas-do-iguacu-deixa-dois-mortos-3100lw98u6y2g03gj81w6xf2s</a> >. Acesso em: 10 abr. 2016. |

Fonte: Cruz (2016)

Quadro 2: Notícia 2, publicada na página *web* *PT no Senado*

<sup>2</sup> As informações encontradas a respeito da página *web* do *PT no Senado* são escassas. A página tampouco disponibiliza um endereço eletrônico para que se possa entrar em contato com os seus organizadores. Ainda com a ajuda de um buscador da internet, poucas informações foram encontradas acerca de tal veículo midiático.

<sup>3</sup> Além do texto aqui apresentado, a notícia publicada conta com um subtítulo (*Batalha judicial*) em que se contextualiza o leitor a respeito da disputa das terras da Araupel. Na sequência, na mesma página, apresenta-se outro texto relacionado ao tema (“*Situação no local é tensa; era uma bomba-relógio*”, diz assessor fundiário), assinado por Katia Bembrati. O recorte que fizemos considera a intenção de manter um paralelo entre os dois textos no que tange a seu conteúdo semântico, tendo como foco a notícia do acontecimento em si.

|    |  |
|----|--|
| 1  | <b>Emboscada a acampamento do MST no Paraná deixa dois mortos e vários feridos</b>   |
| 2  |  |
| 3  | Uma ação da Polícia Militar Ambiental do Paraná em um acampamento do Movimento   |
| 4  | dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) deixou ao menos duas pessoas mortas em Quedas  |
| 5  | do Iguaçu, no sudoeste do Paraná. Além disso, a Polícia Militar (PM) <b>reconhece</b> que seis   |
| 6  | pessoas ficaram feridas, mas o MST <b>afirma</b> que 22 integrantes do movimento foram   |
| 7  | atingidos por disparos de arma de fogo. O confronto ocorreu nesta quinta-feira (7), numa   |
| 8  | área conhecida como acampamento Tomás Balduino.  |
| 9  | Apesar das poucas informações disponíveis sobre a situação no local, representantes  |
| 10 | dos acampados <b>denunciam</b> que o que ocorreu foi uma verdadeira emboscada. Seguranças  |
| 11 | e jagunços ligados à empresa Araupel, dona da área onde estão os trabalhadores rurais,   |
| 12 | teriam contado com a ajuda da Polícia Militar para agir em área que não é parte do   |
| 13 | acampamento, mas ainda assim, dentro do território ocupado.  |
| 14 | Ainda sem acesso a detalhes sobre o ocorrido, a senadora Gleisi Hoffmann (PT-PR)   |
| 15 | solicitou a sua equipe no Paraná que acompanhasse o caso. Ela não se mostrou surpresa  |
| 16 | com a truculência das autoridades policiais paranaenses. Afinal, <b>lembra</b> a senadora, “a  |
| 17 | violência no Paraná, no trato com os movimentos sociais, tem sido uma constante”. Ela  |
| 18 | <b>citou</b> a agressividade com que o governador tucano Beto Richa agiu contra os professores   |
| 19 | em greve, no ano passado.  |
| 20 | A dimensão da violência contra famílias de sem-terra, no entanto, chocou a   |
| 21 | parlamentar. “Não há nada que justifique morte de trabalhadores rurais em um   |
| 22 | acampamento e essa é mais uma página muito triste de nossa história”, <b>declarou</b> Gleisi,  |
| 23 | que fez questão de demonstrar sua solidariedade às famílias.   |
| 24 | A versão da Secretaria Estadual de Segurança Pública (Sesp), divulgada pela imprensa   |
| 25 | local, é de que a equipe da Ronda Tática Motorizada (Rotam) estaria em uma área  |
| 26 | chamada Fazendinha verificando um foco de incêndio. Ao se deslocar para o local, os  |
| 27 | policiais teriam sido interceptados “por mais de 20” integrantes do MST. Os líderes sem-   |
| 28 | terra, porém, <b>refutam</b> essa versão, <b>afirmando</b> que foram os trabalhadores as vítimas de  |
| 29 | uma emboscada.   |
|    | Da redação, 7 de abril de 2016, 21h52min   |
|    | Disponível em: < <a href="http://www.ptnosenado.org.br/site/noticias/ultimas/item/49328-emboscada-a-acampamento-do-mst-no-parana-deixa-dois-mortos-e-varios-feridos">http://www.ptnosenado.org.br/site/noticias/ultimas/item/49328-emboscada-a-acampamento-do-mst-no-parana-deixa-dois-mortos-e-varios-feridos</a> >. Acesso em: 10 abr. 2016. |

Fonte: Chassot e Rocha (2016)

Considerando nosso objetivo de analisar como os verbos *dicendi* contribuem para construir uma linha argumentativa na notícia, fazemos, inicialmente, algumas considerações sobre a perspectiva de cada notícia, embora não caiba neste artigo um arrazoado mais detalhado desta questão, que, sozinha, já ocuparia o espaço de um artigo. Assim, fazemos uma análise geral com algumas exemplificações.

Tomadas em comparação, vê-se uma diferença substancial na explicitação da linha argumentativa nas duas matérias. A notícia publicada na *Gazeta do Povo* preza por uma linguagem que responde a sua intenção de se fazer parecer neutra. Assim, recorre a estruturas e expedientes linguísticos que podem passar, pelo menos a um leitor menos atento, a ideia de que tal veículo de fato responde à propaganda de um veículo imparcial que faz sobre si mesma. Além das escolhas linguísticas em si, citamos o fato de, no segundo parágrafo, ter sido citado que os dois lados envolvidos apresentam versões diferentes para o conflito e ter sido dado, no decorrer do texto, espaço equilibrado, no que tange à extensão do texto, para que ambos se pronunciassem.

No entanto, um leitor mais atento é capaz de perceber que há uma tendência do jornal em culpabilizar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e salvar a Polícia Militar (PM). Sem pretender esgotar essa questão, citamos algumas estratégias que nos levam a tal interpretação:

a) O título traz o sintagma “Confronto entre MST e policiais em Quedas do Iguaçu”, em que o substantivo que ocupa o núcleo do sintagma (‘confronto’), em si, não pende a balança para um dos lados do embate, mas a ordem em que são apresentados os elementos

que complementam esse substantivo ('entre MST e policiais') explicita que os responsáveis por iniciar o embate é o MST. Tal leitura é reiterada no primeiro parágrafo do texto, quando se diz de forma explícita que os mortos e os feridos são resultado de uma ação de confronto iniciada pelos integrantes do MST: 'após entrarem em confronto com a Polícia Militar' (linhas 3-4). Nesse caso, a PM é posta como alvo do ataque, e o MST, como o agente que desencadeou o conflito.

b) Explicita-se no texto que tanto a PM quanto o MST emitiram nota sobre o ocorrido. Embora ambas as notas tenham sido referenciadas na notícia, apenas aquela publicada pela PM ganha espaço para uma reprodução *ipsis litteris*, a partir do recurso das aspas (3º parágrafo). Já a nota do MST é reproduzida por meio de paráfrase, o que pode ser lido como uma estratégia de distanciamento do discurso citado, enquanto a citação direta parece expressar uma posição respeitosa frente à fala citada, conforme analisa Maingueneau (2001).

c) O termo 'emboscada' aparece duas vezes no segundo parágrafo do texto, sendo relacionado ora à fala da PM, ora à do MST, e apenas no último caso é apresentada com aspas. Ao se dar voz à PM, diz-se: "Em nota, a Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp) afirmou que os policiais foram vítima de uma **emboscada** e que eles foram ao local para tentar ajudar a combater um incêndio" (linhas 6-8). Ao se dar voz ao MST, tem-se: "Um líder do MST disse que os membros do movimento é que foram as 'vítimas de emboscada'" (linhas 10-11). Se as aspas, nesse caso, têm por função retomar o discurso da PM e reinterpretá-lo, também dão margem a uma leitura que aponta que, nesse segundo caso, o jornal pretendeu distanciar-se do que foi enunciado – e inclusive direciona para certo tom de ironia na apresentação do contradiscurso.

d) A forma como se escolheu enunciar a fala da PM no terceiro parágrafo também é significativa. Se, nos casos das falas atribuídas ao MST, tem-se a topicalização da oração que traz o verbo *dicendi*, deixando explícito que se trata da interpretação de uma das partes entrevistadas antes mesmo de se apresentar o conteúdo proposicional, no terceiro parágrafo, ao introduzir a fala da PM, dá-se primeiro a interpretação para, depois, apresentar a oração que traz o verbo *dicendi*: "Após a troca de tiros, o MST fugiu, segundo a polícia". A topicalização do conteúdo proposicional em relação à expressão que anuncia tratar-se da interpretação de um dos envolvidos contribui para que o leitor tome como verdade o que é posto no conteúdo da mensagem.

Vale observar que há também no texto, de forma menos recorrentes, estratégias que parecem dar espaço aos argumentos do MST, como ocorre no último parágrafo da notícia. Nesse caso, tem-se uma confirmação, por parte do jornal, do argumento trazido pelo MST, o que é reforçado pela expressão modalizadora 'de fato': "A Justiça Federal, **de fato**, declarou nulo o título de propriedade da empresa, em maio do ano passado" (linhas 21-22). Porém, entendemos que tais estratégias expressam a tentativa do jornal de se fazer parecer neutro, uma vez que são mais evidentes as estratégias que apontam adesão à perspectiva da PM, ainda que tal adesão se dê de forma velada.

A notícia publicada pelo PT Senado, por sua vez, é bastante marcada no que tange à explicitação da linha argumentativa assumida. Também aqui vamos trazer alguns elementos que exemplificam nossa análise:

a) Dá-se espaço diferenciado às vozes ligadas ao MST e à PM. Enquanto a versão desta aparece apenas em dois momentos da notícia (no primeiro e no último parágrafo), a fala do MST ou da Senadora Gleisi Hoffmann -PT, que apoia o Movimento, é preponderante no texto.

b) O título já apresenta a linha argumentativa do texto, ao incorporar a interpretação de que o evento tratou-se de uma "emboscada a acampamento do MST", o que é reforçado logo no primeiro parágrafo, onde se diz que "uma ação da Polícia Militar do Paraná" (linha 3) resultou em duas pessoas mortas. Ou seja, apresenta-se o MST como vítima e a PM como algoz. Ainda no primeiro parágrafo, acolhe-se a versão da PM sobre o número de feridos, que é refutada na sequência, quando se apresenta oração introduzida pela conjunção 'mas': "Além disso, a Polícia Militar (PM) reconhece que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST afirma que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo" (linhas 5-7). Nesse caso, a contra-argumentação fica bastante evidente, bem como o argumento ao qual o produtor do texto se alinha.

c) A escolha do léxico também é bastante marcada no *continuum* argumentativo. São exemplos disso os sintagmas nominais usados em referência ao MST: ‘acampamento do MST’, ‘os acampados’, ‘os trabalhadores’, ‘movimentos sociais’, ‘famílias de sem-terra’, ‘trabalhadores rurais’. Também observamos o uso do adjetivo em ‘uma *verdadeira* emboscada’, responsável pela criação discursiva de uma “verdade” em torno de uma interpretação do evento.

d) No segundo parágrafo, no excerto “Seguranças e jagunços ligados à empresa Araupel, dona da área onde estão os trabalhadores rurais, teriam contado com a ajuda da Polícia Militar para agir em área que não é parte do acampamento, mas ainda assim, dentro do território ocupado” (linhas 10-13), temos uma modalização no uso do verbo no futuro do pretérito em ‘teriam’, estratégia prototípica da notícia da qual o produtor lança mão para não se engajar com o conteúdo do enunciado, e, portanto, não se responsabilizar pelo dito. No entanto, a forma como o sujeito da oração é apresentado pauta-se no pressuposto de sua existência, o que indica a orientação argumentativa assumida no texto.

Os exemplos aqui trazidos são apenas algumas das estratégias linguísticas a que o produtor recorre para traçar a linha argumentativa do texto, mas que servem como exemplos representativos do conjunto de estratégias viabilizadas no texto. Uma análise mais detalhada daria conta de apresentar muitos outros recursos dados na superfície textual que fazem ecoar as condições sócio-históricas envolvidas na produção do texto. Passamos, então, à observação dos elementos que são foco deste trabalho, considerando a intertextualidade explícita.

Antes, fazemos algumas ressalvas que explicitam encaminhamentos metodológicos adotados. Observam-se nesses dois textos estratégias discursivas diversas. Sem desconsiderar a importância de um estudo que analise todas as marcas de intertextualidade, nesta pesquisa optamos por fazer um recorte metodológico tendo em foco os verbos *dicendi*, conforme já explicitado. Assim, ficam de fora da análise estratégias que não estão dentro desse escopo, como se pode exemplificar com o uso do sintagma nominal no recorte abaixo:

(1) A versão da Secretaria Estadual de Segurança Pública (Sesp), divulgada pela imprensa local, é de que a equipe da Ronda Tática Motorizada (Rotam) estaria em uma área chamada Fazendinha verificando um foco de incêndio (Notícia 2, linhas 24-26).

Também não consideramos verbos que, embora tenham característica de verbo *dicendi*, no ambiente linguístico em que ocorrem não remetem a um discurso citado que tenha como universo de referência os acontecimentos que são foco da notícia, como se observa neste recorte:

(2) A Justiça Federal, de fato, **declarou** nulo o título de propriedade da empresa, em maio do ano passado (Notícia 1, linhas 21-22).

Embora estratégias como as postas em (1) e (2) mostrem-se produtivas na análise da linha argumentativa traçada no texto, expedientes linguísticos dessa natureza não são considerados neste trabalho por destoar dos verbos que constituem o foco de análise em termos de estrutura linguística ou função que assumem nos textos. Tendo sido explicitadas essas escolhas metodológicas, passamos à análise dos verbos destacados nas Notícias 1 e 2.

No que tange às estratégias de intertextualidade envolvendo o verbo *dicendi*, observa-se que tais expedientes linguísticos acompanham tanto o discurso direto quanto o indireto, sendo esta última forma de apresentação do discurso de outrem a estratégia mais recorrente em ambos os textos.

Embora a opção por discurso direto ou indireto não seja pauta deste trabalho, vale a pena aqui fazer uma breve consideração a respeito dessas duas formas de apresentar o discurso do outro. Para Maingueneau (2001), a opção pelo discurso direto revela a intenção de passar ao leitor a ideia de que se está relatando palavras realmente proferidas, o que contribui para marcar a objetividade do texto e distanciar o produtor do conteúdo citado, além de esse recurso poder ser usado também para expressar uma posição respeitosa frente à fala citada. Ao contrário, ao optar pelo discurso indireto, a fala de outrem pode ser inserida no texto de diferentes

maneiras, uma vez que o discurso é remodelado, o que provoca um maior engajamento do produtor da notícia com o discurso citado (MAINGUENEAU, 1996).

De qualquer maneira, ambas as estratégias são, em geral, acompanhadas por um verbo *dicendi*, escolhido a partir da perspectiva do produtor da notícia, o que direciona a forma como a fala do outro deve ser interpretada.

Considerando esse expediente linguístico, observamos no *corpus* sob análise que os diferentes verbos *dicendi* empregados nas notícias apontam para uma gradação argumentativa, partindo de elementos argumentativamente menos marcados para elementos que explicitam percepções subjetivas em relação ao fato referenciado no texto, consoante ao que apontam estudos consultados (NASCIMENTO, 2009; NEVES, 2000). Tendo em conta esse perfil dos verbos, optamos por discorrer, na análise de cada notícia, primeiramente a respeito dos verbos menos marcados argumentativamente, seguindo a linha desse *continuum* argumentativo até chegar aos verbos que indicam juízo de valor e apresentam teor argumentativo mais demarcado.

#### 6.1 OS VERBOS *DICENDI* NA NOTÍCIA 1, PUBLICADA NO JORNAL GAZETA DO POVO

A Notícia 1 apresenta 10 verbos *dicendi*. O verbo menos marcado argumentativamente é o *dizer*, usado 6 vezes (nas linhas 8, 10, 12, 13, 16 e 19) no texto. Trazemos o recorte abaixo para exemplificar o uso desse recurso:

(3) “Além disso, foram destacados policiais militares e civis para a região com o objetivo de reforçar a segurança – uma vez que há uma briga judicial envolvendo o MST e a empresa Araupel”, **diz** a nota (Notícia 1, linhas 15-17).

Segundo Neves (2000), o verbo em análise pertence ao grupo dos verbos de elocução propriamente ditos, configurando-se como um verbo básico. Tendo um perfil neutro, não indica um ato de fala e tampouco explicita juízo de valor sobre o discurso de outrem. Também considerando essa característica, Nascimento (2009) enquadra o verbo *dizer* no grupo de verbos não modalizadores, isto é, os que apresentam o discurso de outrem sem deixar marcas de avaliação.

No caso específico do recorte (3), o uso das aspas contribui para o processo de projeção da responsabilidade pelo dito para fora do enunciado, o que é reforçado pelo emprego do verbo *dicendi*. Além disso, conforme Gaiotto (2006), o próprio uso do discurso direto demonstra certa fidelidade intencional por parte do produtor, uma vez que o discurso de outrem pode representar no texto um argumento favorável ao posicionamento defendido, ainda que essa defesa se dê de forma velada, como ocorre comumente no gênero notícia.

Outro elemento empregado com baixo teor argumentativo, considerando esse processo de engajamento e distanciamento do conteúdo apresentado, é o verbo *afirmar*, que aparece duas vezes na Notícia 1 (nas linhas 7 e 18), conforme exemplificado abaixo:

(4) Em nota, a Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp) **afirmou** que os policiais foram vítima de uma emboscada e que eles foram ao local para tentar ajudar a combater um incêndio (Notícia 1, linhas 6-8).

O verbo *afirmar* apresenta nuances de sentido que o diferencia do *dizer* e do *falar*, por exemplo. Embora tal expediente linguístico também não deixe transparecer no texto uma explícita avaliação sobre o discurso citado, *afirmar* parece estar mais próximo do sentido de asseveração do que *dizer*. Além de lançar os responsáveis pelo enunciado citado a uma posição social de autoridade no que tange ao universo de referência da notícia, o uso desse verbo parece ser mais enfático do que *dizer* em relação à intenção de consolidar argumentos.

Percorrendo o *continuum* que vai de verbos menos marcados argumentativamente para verbos mais marcados, observa-se uma ocorrência do verbo *negar*, empregado uma vez no texto:

(5) O MST **nega** e diz que a polícia foi ao assentamento para tentar retirar o grupo, que ocupa, desde julho de 2014, as terras da Araúpel, empresa de reflorestamento (Notícia 1, linhas 8-10).

O produtor da notícia recorre ao verbo *negar* para introduzir o discurso indireto do MST, apontando para um contradiscurso, tendo em conta a declaração da Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), citada no período anterior. Esse verbo aponta o modo como o MST se posiciona diante do discurso da SESP, havendo o diálogo entre as vozes que aparecem no interior do texto, que polemizam a partir de posições sociais e ideológicas diferentes (BARROS, 1999), revelando a arena de embates ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004) que constitui a situação enunciativa relacionada ao texto.

Por fim, cita-se o uso do verbo *argumentar*, que consideramos ser o verbo *dicendi* da Notícia 1 mais carregado no que tange a seu teor argumentativo:

(6) O MST **argumenta** que o local pertence ao Estado (Notícia 1, linha 21).

O uso desse verbo estabelece que, entre as vozes presentes ao longo do texto, nas recorrências de intertextualidade explícita, há um diálogo orientado por argumentos, que, pelo conhecimento de todo o conteúdo, diferenciam-se e, novamente, polemizam no texto. O verbo em questão dá indícios de que existe uma discussão no interior do texto entre os discursos citados trazidos pelo produtor. Tendo conhecimento de tal diálogo entre as vozes, notamos que o produtor, por meio do verbo *argumentar*, deixa pistas para que o leitor tome consciência desse entrecruzamento de vozes e a existência de diferentes perspectivas sobre o assunto abordado, o que não se daria de forma tão evidente se o produtor escolhesse um verbo como *observar*, por exemplo.

## 6.2 OS VERBOS *DICENDI* NA NOTÍCIA 2, PUBLICADA NA PÁGINA WEB PT NO SENADO

Considerando o *continuum* que parte de verbos menos marcados argumentativamente para mais marcados argumentativamente, observa-se, inicialmente, a ocorrência dos verbos *afirmar*, que aparece duas vezes no texto (linhas 6 e 28). Vejamos um exemplo desse uso:

(7) Além disso, a Polícia Militar (PM) reconhece que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST **afirma** que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo (Notícia 2, linhas 5-7).

O emprego do verbo *afirmar* ocorre para referenciar o discurso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST. Conforme citado na análise do Texto 1, esse verbo também se caracteriza por não apresentar uma avaliação explícita do discurso de outrem, embora pareça ter uma força argumentativa mais expressiva do que é observado no uso do verbo *dizer*. Ainda assim, é tomado como um verbo mais neutro em relação a outros verbos *dicendi* mais demarcados no que tange à explicitação da argumentação.

Ainda considerando verbos pouco marcados argumentativamente, verificou-se uma ocorrência do verbo *declarar*:

(8) “Não há nada que justifique morte de trabalhadores rurais em um acampamento e essa é mais uma página muito triste de nossa história”, **declarou** Gleisi, que fez questão de demonstrar sua solidariedade às famílias (Notícia 2, linhas 21-23).

Embora também seja enquadrado na categoria dos verbos *dicendi* não modalizadores (NASCIMENTO, 2009), observa-se que esse verbo apresenta uma força argumentativa mais demarcada do que os verbos *dizer* ou *afirmar*, porque, além de acarretar o sentido de ‘pronunciar’ ou ‘fazer conhecer um fato’, imprime ao discurso citado um teor de voz de autoridade, uma vez que aponta o posicionamento da senadora a respeito do acontecimento relatado, colocando-a na posição de quem tem autoridade para fazer uma declaração sobre o assunto em pauta, guiando a forma como o leitor deve interpretar o discurso citado.

Outro verbo integrado no *continuum* argumentativo é o verbo *citar*, que também tem uma única ocorrência na Notícia 2:

(9) Ela **citou** a agressividade com que o governador tucano Beto Richa agiu contra os professores em greve, no ano passado (Notícia 2, linhas 17-19).

Observa-se que, embora esse verbo esteja mais próximo da transcrição do que da asseveração, ele é utilizado no texto com o propósito de apresentar provas que confirmem a direção argumentativa proposta pelo produtor. Ao apresentar o ponto de vista da senadora Gleisi Hoffmann, é trazido para o texto um discurso alheio para ilustrar o fato que está sendo relatado. Nesse sentido, o teor argumentativo do texto acaba reforçado também por esse verbo *dicendi*.

O verbo *lembrar* também aparece uma única vez no texto:

(10) Afinal, **lembra** a senadora, “a violência no Paraná, no trato com os movimentos sociais, tem sido uma constante” (Notícia 2, linhas 16-17).

Embora não tenha um tom argumentativo bem demarcado, observa-se que também esse verbo dito mais ‘neutro’ contribui para a linha argumentativa do texto. Assinalar o discurso de outrem com o verbo *lembrar* pressupõe que se está advertindo ou trazendo à memória algo que já foi dito e que está sendo reafirmado como verdade. A orientação da forma como o discurso citado deve ser interpretado pelo leitor seria outra se, nesse contexto, tivesse sido empregado, por exemplo, o verbo *conjecturar*, que apagaria a pressuposição da verdade demarcada no verbo *lembrar*.

Seguindo o *continuum* argumentativo, tem-se o verbo *reconhecer*, também com uma única ocorrência na Notícia 2:

(11) Além disso, a Polícia Militar (PM) **reconhece** que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST afirma que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo (Notícia 2, linhas 5-7).

O emprego do verbo destacado dá conta de que a Polícia Militar, que tem a prerrogativa de ser o discurso oficial sobre o conflito, afirma como verdadeiro o fato de o confronto ter resultado em pessoas feridas, muito embora tal reconhecimento não esteja alinhado ao que afirma o MST. O verbo *reconhecer* é responsável por trazer para o texto um discurso que aponta a PM como um órgão que se posiciona favoravelmente aos latifundiários na demanda pela terra. O mesmo verbo não caberia, por exemplo, no encadeamento introduzido pelo operador argumentativo *mas* nesse mesmo período, em que o MST é sujeito, já que o verbo *reconhecer*, nesse contexto, traz consigo um quê de não querer dizer, mas de ter a obrigação de dizer.

Já em uma posição mais adiantada no *continuum* argumentativo encontra-se o verbo *refutar*, também com uma única ocorrência na Notícia 2:

(12) Os líderes sem-terra, porém, **refutam** essa versão, afirmando que foram os trabalhadores as vítimas de uma emboscada (Notícia 2, linhas 27-29).

O verbo *refutar* carrega um tom argumentativo mais demarcado do que os outros verbos analisados na Notícia 2 por trazer ao texto um contradiscurso, como o faz o verbo *negar*, dado na Notícia 1, embora pareça mais enfático do que este no que tange à ação argumentativa de contra-argumentação. Mas, de igual maneira, há a presença de duas vozes que dialogam e polemizam no texto, como assinala Barros (1999), e, ainda, a presença do enunciador que reporta essa polêmica.

Por fim, cita-se o verbo *denunciar*, com uma única ocorrência na Notícia 2:

(11) Apesar das poucas informações disponíveis sobre a situação no local, representantes dos acampados **denunciam** que o que ocorreu foi uma verdadeira emboscada (Notícia 2, linhas 9-10).

O verbo é utilizado para apresentar a fala dos representantes dos acampados do MST. Com esse recurso, assinala sobre o discurso de outrem um ato ilocutório, por enunciar que os entrevistados fazem uma denúncia a respeito do acontecimento relatado,

revelando ou talvez criando uma intenção comunicativa ao discurso daqueles que concederam a entrevista. Tecendo uma análise aproximada da apresentada por Neves (2000) em relação aos verbos *ameaçar*, *garantir* e *acalmar*, pode-se dizer que o verbo *denunciar* instrumentaliza o dizer, uma vez que demarca a ação, com o uso de um instrumento, que pode consistir, eventualmente, em um dizer.

### 6.3 OS VERBOS *DICENDI* NA CONSTRUÇÃO DA LINHA ARGUMENTATIVA DO TEXTO: ANÁLISE COMPARATIVA DAS DUAS NOTÍCIAS

No Quadro 3, trazemos um esquema em que se apresentam as ocorrências dos verbos *dicendi* em cada uma das notícias. Na coluna à direita, a reta indica a escala argumentativa do verbo menos marcado ao mais marcado argumentativamente.

Quadro 3: Os verbos *dicendi* nas duas notícias analisadas

| <i>Continuum argumentativo</i>  | Verbos <i>dicendi</i> na Notícia 1 | Número de ocorrência |
|---|------------------------------------|----------------------|
| <div> <div>+ argument.</div> <div>- argument.</div> <div>↑</div> </div> | <i>argumentar</i>                  | 1                    |
|   | <i>negar</i>                       | 1                    |
|   | <i>afirmar</i>                     | 2                    |
|   | <i>dizer</i>                       | 6                    |
| TOTAL   | 4 VERBOS                           | 10 OCORRÊNCIAS       |
| <i>Continuum argumentativo</i>  | Verbos <i>dicendi</i> na Notícia 2 | Número de ocorrência |
| <div> <div>+ argument.</div> <div>- argument.</div> <div>↑</div> </div> | <i>denunciar</i>                   | 1                    |
|   | <i>refutar</i>                     | 1                    |
|   | <i>reconhecer</i>                  | 1                    |
|   | <i>lembrar</i>                     | 1                    |
|   | <i>citar</i>                       | 1                    |
|   | <i>declarar</i>                    | 1                    |
|   | <i>afirmar</i>                     | 2                    |
| TOTAL   | 7 VERBOS                           | 8 OCORRÊNCIAS        |

Fonte: Elaboração das autoras

As Notícias 1 e 2 apresentam, respectivamente, dez e oito ocorrências de verbos *dicendi*. Entretanto, enquanto a Notícia 1 recorre a quatro verbos *dicendi* na introdução do discurso de outrem – *argumentar*, *negar*, *afirmar* e *dizer* –, enquanto a Notícia 2 apresenta sete verbos na incorporação do intertexto – *denunciar*, *refutar*, *reconhecer*, *lembrar*, *citar*, *declarar* e *afirmar*. Esse dado já encaminha para uma interpretação da Notícia 1 como sendo mais cautelosa no uso de tais expedientes linguísticos; esse uso comedido, por sua vez, dá margem à interpretação de que há nesse texto maior preocupação de apresentar-se como uma construção não-subjetiva, mais neutra e imparcial do que se observa na Notícia 2.



Essa interpretação ganha força quando se observa que seis das dez ocorrências de verbos *dicendi* na Notícia 1 são preenchidas pelo verbo *dizer*, o verbo que ocupa a posição de menos argumentativamente marcado na escala proposta, enquanto na Notícia 2 o verbo menos marcado argumentativamente é o verbo *afirmar*, que consideramos ter um teor argumentativo um pouco mais expressivo do que o *dizer*, e aparece introduzindo o discurso citado apenas duas vezes. Vale observar também o fato de a Notícia 2 não recorrer ao verbo *dizer*, que é o mais neutro na categoria dos verbos *dicendi*. Tais características revelam que a Notícia 2 parte de um ponto já mais avançado no *continuum* argumentativo na comparação com a Notícia 1.

Observa-se que as duas notícias estão equilibradas quanto ao uso de verbo mais marcado argumentativamente: pode-se dizer que *argumentar* (Notícia 1) está próximo de *denunciar* (Notícia 2) no que tange ao grau de argumentação. Também se pode dizer que os verbos *negar* (Notícia 1) e *refutar* (Notícia 2) estão próximos quanto aos sentidos mobilizados, embora *refutar* pareça mais enfático na explicitação do contradiscurso. Tais verbos reafirmam a polifonia presente no interior do texto e o diálogo entre as vozes apresentadas, reassegurando o texto como um ponto de intersecção de diálogos, em que se cruzam vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas (BARROS, 1999).

Mas, ainda se considerarmos que os dois verbos que estão no topo de cada reta ocupam o mesmo ponto do *continuum* argumentativo, é preciso observar que, daí em diante, descendo a escala até o verbo menos argumentativo, há na Notícia 2 uma gradação mais alongada do que aquela observada na Notícia 1, dado o fato de, nesta, o *continuum* não estar preenchido por diferentes verbos *dicendi*, conforme observação já posta acima. A quantidade de pontos nessa escala também reforça a interpretação de que a Notícia 1 pretende se apresentar como mais neutra e imparcial do que a Notícia 2.

Essa análise leva à observação de que, comparada à Notícia 2, a Notícia 1 preocupa-se mais em esconder a perspectiva subjetiva envolvida na incorporação do discurso de outrem, propondo uma interação mais cautelosa com o intertexto e minimizando as marcas que sinalizam juízo de valor, num jogo que tem em vista a preservação da imagem do veículo que a publica como uma agência de notícia imparcial e a manutenção da pretensa objetividade jornalística.

Ainda assim, não se pode dizer que as escolhas apresentadas na Notícia 1 estão livres de argumentação. Ao operar movimentos de distanciamento no que diz respeito ao discurso de outrem, sem explicitar juízo de valor sobre o discurso alheio, o produtor está fazendo escolhas que são argumentativamente guiadas. Conforme aponta autores consultados (KOCH, 2003; NASCIMENTO, 2009; CHAPARRO, 2003), a apresentação de um discurso como se fosse neutro retrata uma estratégia que visa a orientar a leitura do interlocutor para determinadas conclusões, dinâmica que envolve a criação de uma imagem da *Gazeta do Povo* como uma empresa jornalística independente e imparcial. A criação e manutenção desse *ethos*, por si só, já se configura como um argumento que direciona a leitura.

Assim, observamos que o uso dos verbos *dicendi* na Notícia 1 contribui para reforçar a linha argumentativa traçada no texto na medida em que avigoram a autoimagem do jornal como um veículo “independente” e “imparcial” (OLIVEIRA FILHA, 2004). Os verbos mais neutros, ou não modalizados (NASCIMENTO, 2009), são trazidos para o texto de forma a responder a uma intenção, ainda que tal intenção seja justamente criar e preservar a aparência de neutralidade. Atenuando as marcas da argumentatividade, o jornal acaba impondo, indiretamente, um determinado ponto de vista, que é apresentado como uma verdade, uma vez que o gênero notícia está atrelado à noção de objetividade e veridicidade. Nessa análise, os verbos *dicendi* escolhidos reforçam a intenção do jornal de responder aos anseios da elite paranaense, conforme apontam Lemos e Oliveira Filha (2013).

Já a Notícia 2, conforme explicitado acima, não faz uso do verbo menos marcado argumentativamente (*dizer*, bastante recorrente no outro texto) e apresenta um maior número de verbos *dicendi* do que a Notícia 1, alongando a linha que desenha a escala entre o verbo mais e menos marcado argumentativamente. Com isso, ocorre uma maior exposição da perspectiva subjetiva da linguagem, explicitando adesão à versão apresentada pelo MST. Considerando a situação sociodiscursiva que envolve a produção e a publicação da notícia, que está atrelada a um partido político, é esperada a construção de um *ethos* que implique comprometimento com determinadas causas e contestação de outras, tendo em vista que a posição ideológica é, nesse caso, publicamente assumida.

Em ambas as notícias, os verbos *dicendi* somam-se a outros recursos linguísticos para conformar o texto às intenções dos veículos que as publicam. Ou seja, os expedientes em análise retratam estratégias linguísticas que contribuem para configurar o texto como um instrumento de difusão ideológica que se conforma à estrutura de poder a que se vincula, conforme analisa Lage (1982).

## 7 AINDA ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O CONTINUUM ARGUMENTATIVO

Considerando que nossa análise foi balizada pela ideia de um *continuum* argumentativo, numa escala que vai do verbo *dicendi* menos marcado para o verbo mais marcado argumentativamente, entendemos necessário apresentar duas reflexões sobre essa questão.

Em primeiro lugar, vale observar que defender a existência de um *continuum* argumentativo não equivale a dizer que o uso de elementos menos argumentativos prescinde de argumentação, como argumentamos na análise apresentada. Tomar por base a perspectiva de que não existe texto neutro e de que a argumentação está inscrita na língua, conforme defendem os autores citados neste trabalho (KOCH, 2011; DUCROT, 1987; ASCOMBRE; DUCROT, 1976), significa entender que todo e qualquer expediente linguístico e toda e qualquer estrutura linguística colaboram para a construção da linha argumentativa do texto.

Todavia, na análise comparativa de diferentes verbos *dicendi*, observa-se que eles deixam mais ou menos explícita a linha argumentativa do texto. Assim, o verbo *dizer*, por exemplo, distancia-se consideravelmente do verbo *denunciar* no que tange à orientação da leitura proposta pelo produtor em relação à fala incorporada no texto, o que nos levou à consideração de tal *continuum* argumentativo.

A segunda questão para a qual chamamos a atenção em relação à análise proposta diz respeito à impossibilidade de estabelecer limites precisos nessa gradação. Se, por um lado, fica bastante evidente que há uma distância considerável quando se põem em comparação verbos como os citados no parágrafo anterior, *dizer* e *denunciar*, lançando-os a dois extremos nessa gradação, os vários pontos nesse *continuum* não é de fácil delimitação. Por exemplo, é bem mais tênue a linha que separa *dizer* e *afirmar*; e, quando se toma para análise verbos um pouco mais apartados no que tange à sua constituição semântica, como *lembrar* e *citar*, por exemplo, não é fácil decidir qual explicita mais ou menos a perspectiva subjetiva do produtor do texto na leitura que faz dos fatos noticiados, mesmo considerando o cotexto e o contexto em que tais verbos são usados.

Nesse sentido, a proposta feita só pode ser admitida considerando que esta pesquisa apresenta-se como um estudo fundamentado no paradigma interpretativo-qualitativo, já que este assume que os significados são resultados de um processo interpretativo promovido pelo pesquisador. A alocação dos verbos na escala argumentativa deve ser considerada uma proposição que não se pretende definitiva, mesmo porque parece que uma delimitação fixa no interior desse *continuum* não é nem possível nem necessária, pelo menos para o tipo de análise que propomos neste trabalho.

O que nos parece mais importante é chamar a atenção para a existência de um perfil argumentativo dos verbos *dicendi*, cuja análise possa apoiar a ideia de que a forma como o discurso do outro é apresentado no texto, mesmo que seja na forma de discurso direto, revela intenções e contribui para estabelecer uma linha argumentativa do texto, bem como para mantê-la e reforçá-la.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das teorias que compreendem que a argumentação é intrínseca à linguagem, entendemos que um texto, mesmo os não pertencentes à categoria dos textos argumentativos *stricto sensu* (KOCH; FÁVERO, 1987), é sempre produzido com determinada pretensão, conquanto nem sempre as intenções argumentativas sejam explicitadas (KOCH, 2011). Embora se preze pela pretensa objetividade do gênero textual notícia, há no texto elementos da língua que indicam os sentidos pretendidos pelo produtor. Conforme pontua Dittrich (2010), ao se fazer uso da língua, não há como eximir-se de maiores responsabilidades em relação ao que

foi dito, apagando-se enquanto responsável pela enunciação, pois a argumentação, e consequente engajamento do produtor com o que é dito, é inerente ao uso da língua.

A análise proposta reafirma a produção textual como uma atividade verbal que envolve indivíduos que atuam socialmente e orientam suas escolhas linguísticas para alcançar determinado fim social, guiados, também, pelas condições de produção (KOCH, 2013).

Na notícia, o recurso à intertextualidade explícita por meio de discurso citado constitui, em si, uma estratégia que explicita argumentação no texto. Conforme observa Maingueneau (2001), no discurso citado, a enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, mesmo no caso do discurso direto, uma vez que não há como comparar uma ocorrência de fala efetiva (como a entonação, os gestos e as reações daquele que concede entrevista oral, por exemplo) com o recorte apresentado pelo produtor da notícia, que, estrategista que é, dá ao intertexto um enfoque subjetivo. Para além disso, é preciso observar que, mesmo antes de escolher a maneira como a fala de outrem será incorporada ao texto, são feitas escolhas sobre as fontes a serem consultadas e, após, sobre os trechos que serão trazidos ao conhecimento do leitor. Nesse processo, a fala de outrem, tirada de seu contexto original, é emoldurada e ressignificada, o que implica uma reconstrução subjetiva desse discurso, que tem por objetivo guiar o leitor de modo que este compreenda os acontecimentos relatados tal como são apresentados no texto.

Nesse sentido, reforçamos a interpretação de Chaparro (2003) de que categorizar os gêneros jornalísticos como opinativos ou informativos constitui-se uma impossibilidade quando se considera o plano dos mecanismos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

- ASCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. *Langages*, 10e année, n. 42, p. 5-27, 1976.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 31-38.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 1-10.
- CHAPARRO, M. C. Opinião x informação, uma fraude teórica? *Mural Pj:Br – jornalismo brasileiro*, 24 jul. 2003. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/manchetes\\_009.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/manchetes_009.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém (Portugal): Jortejo Edições, 1998.
- CHASSOT, G.; ROCHA, C. Emboscada a acampamento do MST no Paraná deixa dois mortos e vários feridos. *PT no Senado*, Brasília, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.ptnosenado.org.br/site/noticias/ultimas/item/49328-emboscada-a-acampamento-do-mst-no-parana-deixa-dois-mortos-e-varios-feridos>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- CORBARI, A. T. *Elementos modalizadores como estratégia de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de Ensino Médio*. 2013. 200f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.
- CRUZ, L. C. Confronto entre MST e policiais em Quedas do Iguaçu deixa dois mortos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/confronto-entre-mst-e-policiais-em-quedas-do-iguacu-deixa-dois-mortos-3100lw98u6y2g03gj81w6xf2s>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

DITTRICH, I. J. Retórica do discurso jornalístico: modalização e subjetividade na reportagem impressa. In: SELLA, A. F. (Org.). *Percorrendo estudos linguísticos e práticas escolares*. Cascavel: Edunioeste, 2010. p. 95-110.

GAIOTTO, P. A. *A formulação do editorial da gazeta do povo: o discurso relatado na construção da opinião*. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/pagaiotto.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Ajustando a lupa. In : \_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 11-73.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_; FÁVERO, L. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

LAGE, N. *Ideologia e técnica da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

LEMO, J; OLIVEIRA FILHA, E. A. Jornalismo de ideologia: uma análise do posicionamento do jornal Gazeta do Povo na abordagem do projeto Tudo Aqui Paraná. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013. Manaus. *Anais...* 2013, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1319-1.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Elementos da linguística para o texto literário*. Tradução: Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36.

\_\_\_\_\_. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: \_\_\_\_\_. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.146-168.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, J. M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

\_\_\_\_\_. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

NASCIMENTO, E. P. *Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA FILHA, E. A. de. Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. *Unibrasil*, 2004, p.86-101. Disponível em: <<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/view/19/19>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

PAULIUKONIS, M. A. L. Progressão textual e modalização. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, série 7, n.7, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-17.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática S. A., 1987.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. São Paulo, 2001. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def\\_teses.html](http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html)>. Acesso em: 27 jun. 2016.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática: ensino plural*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Recebido em 30/08/2017. Aceito em 06/11/2017.